



## **AValiação ESCOLAR EM FOCO NO PROCESSO CONSTITUTIVO DA DOCÊNCIA**

**FERNANDA SEIDEL VORPAGEL<sup>1\*</sup>, ROSANGELA INÊS MATOS UHMANN<sup>2</sup>**

### **1 Introdução**

Pensar na temática avaliação escolar é primar por um processo de ensino que considera o processo de avaliar como aspecto para melhor ensinar e aprender. Entendemos que o processo de avaliação não pode servir só para atribuir um conceito ou nota ao estudante, a questão vai além, ao ajudar com a prática reflexiva da ação docente. Desta forma, para compreendermos as práticas e concepções de avaliação necessitamos estudar a temática e entender como a avaliação vem se constituindo, especialmente no espaço escolar da Educação Básica e do Ensino Superior. Em primeiro lugar buscamos entender o conceito de avaliação embasado em referenciais como Guba e Lincoln (2011), Luckesi (2011), Hoffmann (2014), Uhmman (2017) entre outros, entendendo que a avaliação pode ser compreendida como “[...] um juízo de qualidade sobre os dados relevantes para uma tomada de decisão” (LUCKESI, 2011, p. 17).

A presente pesquisa consistiu em investigar cinco (5) Encontros Formativos (EF) a respeito das concepções e diferentes práticas avaliativas, bem como as limitações e possibilidades repercutidas no diálogo entre os professores de escola, formadores e licenciandos/estagiários da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). O que ajudou a conhecer um pouco da realidade dos professores da Educação Básica e Universidade tendo em vista os princípios que norteiam a avaliação de quem está dia a dia em contexto educativo em atenção aos aspectos avaliativos intrínsecos no ensino. Para tanto, foi primordial o movimento de investigação-ação (CARR; KEMMIS, 1988) entre os participantes da pesquisa, quanto ao processo de avaliar, ensinar e aprender em discussão na coletividade devido à riqueza de vivências e diferentes contextos explorados nos EF.

---

<sup>1</sup>Graduação em Química Licenciatura pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus Cerro Largo*, RS. E-mail: [vorpagelfernanda@gmail.com](mailto:vorpagelfernanda@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI). Professora do Curso de Química da UFFS, *Campus Cerro Largo*, RS. Vinculada ao GEPECIEM. E-mail: [rosangela.uhmann@uffs.edu.br](mailto:rosangela.uhmann@uffs.edu.br)



Enfim, nosso estudo consistiu em problematizar os diálogos dos EF relacionando os mesmos ao estudo da avaliação das quatro gerações (mensuração, descrição, juízo de valor e negociação) de Guba e Lincoln (2011) a partir da análise das falas que foram degravadas, os sujeitos da pesquisa foram identificados com nomes fictícios para preservação das identidades.

## 2 Objetivos

Problematizar por meio da análise do registro (falas gravadas e transcritas) dos cinco EF, as concepções e práticas avaliativas referentes à avaliação educacional relacionando às quatro gerações de avaliação de Guba e Lincoln (2011).

## 3 Metodologia

Os cinco EF apresentados no quadro 01 foram planejados e mobilizados de forma colaborativa por meio da modalidade de investigação-ação (CARR; KEMMIS, 1988), junto aos nove (9) licenciandos/estagiários, cinco (5) professores da escola básica e sete (7) professores formadores da UFFS, participantes e também pesquisadores de sua prática (área Ciências da Natureza). Os EF foram degravados (que estão em itálico no decorrer deste trabalho) respeitando-se os princípios éticos de uma pesquisa qualitativa por envolver seres humanos. E para preservar as identidades foram atribuídos nomes fictícios, por exemplo, os que iniciam com a letra “P” (Patrícia) para os professores de escola, “E” para os licenciandos/estagiários e “F” para os formadores.

Quadro 01: Questões discutidas em cada encontro

Encontro	Questões discutidas
1º EF	Diálogo sobre os referenciais e concepções sobre avaliação, bem como da organização e problematização dos próximos encontros.
2º EF	Contextualização da ação de planejar, executar e avaliar tendo como ferramenta o plano de aula.
3º EF	Estratégias avaliativas na perspectiva de produzir significados na avaliação com princípio emancipatório e formativo.
4º EF	Limites, possibilidades e desafios da avaliação da aprendizagem.
5º EF	Reavaliar as práticas de avaliação na Educação Básica, constituindo-se como sistematização dos EF anteriores.

Fonte: as autoras (2018).



Para análise dos dados produzidos utilizamos a categorização, configurando-se como uma pesquisa qualitativa, visto o movimento das discussões dialógicas de cada EF em que problematizamos as concepções e práticas frente às avaliações de Guba e Lincoln (2011) possibilitando contribuir para avançarmos na questão de avaliar para melhor ensinar e aprender.

#### 4 Resultados e Discussão

Na perspectiva de entender o processo de avaliação no diálogo de um grupo formativo tem potencial para manter a relação dialética entre a teoria e a prática, visto que os participantes e também pesquisadores dos EF investigaram a própria prática docente, cada um contribuindo a partir de seu contexto (educação básica, ensino superior). De antemão nos vem à tona de que a avaliação é, por vezes, compreendida como se fosse um instrumento no uso de testes, sem levar em conta todo o processo vivenciado. Entendemos que este aspecto precisa ser superado na cultura enraizada da educação. Erick em sua fala menciona: *a discussão está impregnada na escola e em todo o sistema escolar... por exemplo... na 8ª série fiz uma atividade e os alunos queriam saber qual a nota... eu falei que a nota é apenas um detalhe. Disseram: não... não professor... a nota é para passar... tem que rever*, constituindo a geração de mensuração impregnada no contexto escolar. Neste sentido, a escola, como espaço propulsor do conhecimento necessita problematizar a questão da avaliação junto aos pais e estudantes para avançar na concepção de que avaliar não é aprovar ou reprovar. O que requer entender que: “O objetivo da avaliação não é atribuição de notas ou conceitos, mas o acompanhamento da aprendizagem dos alunos e a orientação do ensino para o professor” (UHMANN, 2017, p. 97).

Nessa direção, se estamos a entender a avaliação como fim do processo com atribuição de nota ou conceito apenas, ficamos estagnados exatamente no ponto de apenas examinar como nos diz Luchesi (2011). Ou seja, não se avança, pois não se explora as possíveis dúvidas que os alunos possam apresentar respectivo às razões que limitaram a compreensão de determinados conceitos e, desta forma a consequente aprendizagem que precisa ser significada. A problematização, aqui, visa chamar atenção para o fato de entendermos que a avaliação acontece no processo e não como um fim.

É necessário pensarmos no aluno, qual o contexto em que se encontra, quais os limites e as possibilidades atrelados para que o mesmo aprenda. Podemos entender com a professora Flávia que diz: *a instituição escolar precisa considerar a realidade em que está inserida... se*



*eu tenho uma comunidade... com um problema x lá eu posso interferir com estudos...* em atenção a geração de negociação. Com base em Hoffmann (2014) o desafio consiste em mudarmos a concepção que temos de avaliação, começando por entender que ela acontece no processo e pode ajudar o professor a refletir sobre sua prática, bem como conhecer a realidade da escola, comunidade, sociedade, visando ensinar e aprender ao avaliar. Guba e Lincoln (2011) fundamentam que o avaliador pode reconstruir as construções da realidade existente. “O avaliador então é o agente condutor no processo de mudança de ações e de ações para mudanças” (GUBA e LINCOLN, 2011, p. 290). Entendemos assim que o papel social do professor é desafiador ao ser instigado de promover a autonomia dos seus alunos para fora dos muros escolares.

## 5 Conclusão

Entendemos que a avaliação ocorre no processo e não como um fim. O contexto vivenciado pelo processo da avaliação compreende a mediação na forma de acompanhamento como alternativa para contribuir com uma aprendizagem mais significativa. O estudo da avaliação de Guba e Lincoln (2011) que levou à quarta geração (negociação) é entendido como uma adaptação da primeira, segunda e terceira geração, cada uma evoluindo por meio da anterior, não querendo dizer que a quarta seja a melhor, mas é a que mais favorece o contexto escolar na contemporaneidade. Enfim, as concepções de gerações de avaliação permearam as falas nos EF, por vezes, pelo mesmo sujeito ao relatar sua prática, não se enquadrando apenas em uma concepção, o que nos levou a pensar no constante movimento formativo ocasionado nos EF com foco no processo de avaliar para melhor ensinar e aprender.

## Referências

- CARR, W. KEMMIS, S. **Teoria crítica de la enseñanza: investigación-acción en la formación del profesorado.** Barcelona: Martinez Roca, 1988.
- GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. **Avaliação de Quarta Geração.** Campinas: Unicamp, 2011.
- HOFFMANN, J. **O Jogo do Contrário em Avaliação.** 9. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições.** 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- UHMANN, R. I. M. **O Professor em formação no processo de ensinar e aprender ao avaliar.** Curitiba: Appris, 2017.

**Palavras-chave:** Formação de professores; Concepções Docentes; Encontros Formativos.

## Financiamento

PROBIC – FAPERGS (Edital nº 321/UFFS 2017)